



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

DOI: <http://doi.org/10.20873/HISTAR>

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA GUERRILHA DO ARAGUAIA: EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

HISTORY AND MEMORY OF THE ARAGUAIA GUERRILLA: HUMAN RIGHTS
EDUCATION

HISTOIRE ET MÉMOIRE DE LA GUÉRILLA D'ARAGUAIA : ÉDUCATION AUX
DROITS DE L'HOMME

Érica Jéssica F. C. Guimarães¹
Luiza Helena Oliveira da Silva²

RESUMO: Este trabalho discorre sobre projeto de extensão articulado à pesquisa desenvolvido por docentes e discentes da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. As atividades relacionam-se a um edital da Pró-reitoria de Extensão, ENRAÍZA (2022), que visava a empreender ações de extensão em um dos municípios que devem ser incorporados à universidade, conforme seu projeto de criação. Tratava-se, no caso, de Xambioá, cidade situada ao norte do estado e às margens do Araguaia, na fronteira com o Pará. Tendo sido lócus de um dos principais focos da guerrilha do Araguaia, com a invasão da cidade a partir de 1972 por milhares de militares, durante a ditadura civil-militar (1964-1985), o grupo envolvido no desenvolvimento do trabalho partia do pressuposto de que foi então sentido pela comunidade local como acontecimento, nos termos como compreendido pela semiótica tensiva. Apesar disso, um trabalho de esquecimento fez com que se apagasse, sobretudo por parte das jovens gerações, o que se sucedeu na cidade, inclusive com deterioração de monumentos. A partir disso, elaborou-se um material didático destinado a estudantes da educação básica e foi realizada sua apresentação em escola pública.

PALAVRAS-CHAVE: Guerrilha do Araguaia; literatura; memória; Xambioá; educação.

ABSTRACT: This paper discusses an extension project articulated with research developed by professors and students of the Federal University of Northern

¹ Graduada em História e Mestranda em Linguística e Literatura pela UFNT. E-mail: ericajessicaguimaraes@gmail.com

² Docente do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da UFNT. Coordenadora do GESTO e bolsista do CNPq. E-mail: luiza.silva@ufnt.edu.br



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

Tocantins – UFNT. The activities are related to a public notice from the Dean of Extension, ENRAÍZA (2022), which aimed to undertake extension actions in one of the municipalities that should be incorporated into the university, according to its creation project. In this case, it was Xambioá, a city located in the north of the state and on the banks of the Araguaia, on the border with Pará. Having been the locus of one of the main foci of the Araguaia guerrilla, with the invasion of the city from 1972 by thousands of soldiers, during the civil-military dictatorship (1964-1985), the group involved in the development of the work was based on the assumption that it was then felt by the local community as an event, in terms as understood by tensive semiotics. In spite of this, a work of oblivion caused it to be erased, especially by the young generations, what happened in the city, including the deterioration of the monument. Based on this, a didactic material was prepared for students of basic education and its presentation was carried out in public schools.

KEYWORDS: Araguaia Guerrilla; literature; memory; Xambioá; education.

RÉSUMÉ: Cet article traite d'un projet d'extension articulé avec des recherches développées par des professeurs et des étudiants de l'Université fédérale du Nord des Tocantins – UFNT. Les activités sont liées à un avis public du doyen de l'extension, ENRAÍZA (2022), qui visait à entreprendre des actions d'extension dans l'une des municipalités qui devraient être intégrées à l'université, selon son projet de création. Dans ce cas, il s'agissait de Xambioá, une ville située au nord de l'État et sur les rives de l'Araguaia, à la frontière avec le Pará. Ayant été le lieu de l'un des principaux foyers de la guérilla d'Araguaia, avec l'invasion de la ville à partir de 1972 par des milliers de soldats, pendant la dictature civilo-militaire (1964-1985), le groupe impliqué dans le développement de l'œuvre était basé sur l'hypothèse qu'il était alors ressenti par la communauté locale comme un événement, dans les termes compris par la sémiotique tensive. Malgré cela, un travail d'oubli a fait effacer, notamment par les jeunes générations, ce qui s'est passé dans la ville, y compris la détérioration du monument. Sur cette base, un matériel didactique a été préparé pour les élèves de l'éducation de base et sa présentation a été effectuée dans les écoles publiques.

MOTS-CLÉS: Guérilla d'Araguaia ; littérature ; mémoire ; Xambioá ; éducation.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de produto referente a projeto de extensão submetido ao edital PROEX/UFNT nº16/2022, sob coordenação de Luiza Helena Oliveira da Silva e Marcio Araújo de Melo e contando com duas bolsistas da graduação. O projeto visava desenvolver ações acadêmicas na cidade de Xambioá, norte do



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

Tocantins, iniciando atividades no local onde a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) deverá abrigar um novo campus, conforme projeto de criação da nova universidade.

O referido edital apresentado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFNT, ENRAÍZA, em sua primeira edição, consistiu em empreender ações correspondentes à Agenda 2030 da Organização de Desenvolvimento Sustentável (ODS), tendo por finalidade fomentar a relação entre Universidade e comunidade, contribuindo, assim, para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e alunos da pós-graduação, bem como para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira (Brasil, 2023). Além de ações em Xambioá, o edital visava a promover atividades de extensão em Guaraí (TO). Foram aprovados, então, dois projetos, um para cada localidade, sendo um deles o que apresentamos aqui.

A proposta compreendeu dois momentos, a partir da articulação com docentes de escola da rede pública estadual em Xambioá. Num primeiro momento, o trabalho consistiu em desenvolver um material didático destinado a estudantes da Educação Básica, referente aos acontecimentos relativos à Guerrilha do Araguaia (1972-1974). Para isso, levou-se em consideração que a cidade foi um dos palcos do conflito, servindo de base militar que tinha como objetivo enfrentar algumas dezenas de militantes do PCdoB, organizados no sudeste do Pará, e com forte trânsito com a cidade então situada no norte goiano. O confronto teve consequências para os moradores do local, considerados suspeitos de atuar como adjuvantes dos sujeitos que visavam combater a ditadura civil-militar do país a partir do campo, seguindo orientações do partido que pensava na estratégia de enfrentamento a partir do modelo maoísta.

A necessidade de produção de um material didático considerou tanto a



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

ausência de produções destinadas a estudantes sobre esse acontecimento, assim como a urgência de atuar pela memória contra o projeto de esquecimento e apagamento do que foi o movimento de guerrilha, seus objetivos e suas consequências. Conforme expresso no texto da apresentação da cartilha resultante desse trabalho,

Diferentes atores e documentos enfrentam a condenação do esquecimento, insistindo em narrar o que aconteceu num momento obscuro da história do país e da gente do lugar. Familiares de desaparecidos, vítimas diretamente impactadas por prisão e tortura, pela fome e perda de suas terras e plantações, perda de amigos e conhecidos continuam na linha de frente contra versões dos que negam a história, apagando seus registros e memória. (Silva; Melo, 2023, p. 8).

Como acentua Luiz Rufino, ao tratar da morte que se opera pelo esquecimento dada a colonialidade do saber e de sua monologia, “A empresa colonial mata de inúmeras formas, seja com balas, com a precarização da vida, com o desarranjo das memórias, com o dismantelo cognitivo, com a coisificação do ser ou com a produção é manutenção do trauma” (Rufino, 2019, p. 130). Num esforço em direção contrária, assumimos, pois, a necessidade de rearranjar as memórias, enfrentar o “dismantelo cognitivo” operado pelo governo ditatorial (1964-1985) e escancarar persistência do trauma:

O governo Médici resolveu também que a guerrilha do Araguaia não devia produzir efeitos judiciais, precisamente a fim de evitar repercussões públicas. Em consequência, não houve réus e acusados de terem pegado em armas no Sul do Pará. A acusação contra José Genoíno não incluiu qualquer referência à sua participação na guerrilha. Todos os guerrilheiros mortos em combate ou assassinados após a captura sumiram em sepulcros ignorados. Até hoje, as campanhas do Araguaia nunca tiveram menção explícita em documentos oficiais. As Forças Armadas jamais divulgaram dados sobre sua atuação no episódio. Em consequência, foi como se a guerrilha não existisse para o povo brasileiro. (Gorender, 2014, p. 241)

Para Jacob Gorender, a ditadura empenhou-se a partir de inúmeras estratégias pelo apagamento dos crimes cometidos na região, buscando escondê-la



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

como “vício nefando” (Gorender, 2014, p. 240). O esquecimento que se evidencia na escola, na cidade de Xambioá e no próprio país é, portanto, resultado de um projeto bem empreendido. Além disso, é necessário compreendê-lo sob a perspectiva de um projeto maior, que resultou na forte presença militar na região, em confrontos como o da Batalha de Perdidos (Pessoa, 2022), o poder concedido a personagens como o major Curió, responsável por assassinatos de guerrilheiros, e a persistência de massacres de camponeses e indígenas.

Para a escrita da cartilha intitulada *Memórias e histórias da guerrilha do Araguaia* (2023), foram mobilizados, além das bolsistas, membros do GESTO – Grupo de Estudos do Sentido (UFNT/CNPq), que há anos desenvolvem pesquisas sobre a temática, principalmente considerando a produção na literatura (SILVA, 2022, 2022a; FIGUEIREDO *et al.*, 2020; SILVA; REIS, 2021, para citar alguns). .

O segundo momento foi o da ação na escola de Educação Básica, no encontro entre autores dos capítulos que compõem o material, estudantes, professores, direção da escola, membros da comunidade, escritores da ACALANTO – Academia de Letras de Araguaína –, enfim, diferentes atores que se fizeram presentes no momento de lançamento, souberam dos propósitos de sua elaboração e receberam gratuitamente o material produzido.

Na próxima seção, detalharemos mais a respeito das atividades desenvolvidas e do material produzido.

DESENVOLVIMENTO

O Programa da Pró-Reitoria de Extensão ENRAÍZA, edital de 2022, propôs ações que visavam a dar início a atividades em duas cidades que devem abrigar novos campus da UFNT, Xambioá e Guaraí. Aqui, tratamos do que realizamos em Xambioá, a partir de projeto de extensão selecionado pelo referido edital. Tendo por



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

finalidade fomentar a relação entre Universidade e a comunidade, o projeto objetivava desenvolver ações junto a estudantes da educação básica, a partir de contribuições de nosso grupo de pesquisa. Do ponto de vista formal, foi constituído por dois docentes, responsáveis pela elaboração do projeto e duas bolsistas, então acadêmicas do curso de Letras da UFNT. Integraram a equipe, porém, também outros pesquisadores do GESTO – Grupo de Estudos do Sentido –, articulados em torno da temática da guerrilha do Araguaia (1972-1974) e da ditadura civil-militar, sobretudo levando em conta a produção da literatura sobre esses eventos.

Enquanto a realização de estágios em escolas públicas se encontra bem assentada a partir de convênios entre universidade e secretarias de educação, instruída por uma série de acordos e regulamentos, a extensão é tarefa que demanda ainda o estabelecimento de pontes e diálogo com os atores sociais, ainda mais quando se trata de um projeto com cunho marcadamente político, que diz respeito ao enfrentamento de narrativas que negam a ditadura ou que a amenizam, designando-a como “ditabranda”.

Mesmo tendo participado diretamente das ações do grupo de estudos e com ciência dos objetivos da ação de extensão na escola, no momento de realização das atividades, o diretor pareceu-nos temeroso dos efeitos, propondo que, em vez de tratar diretamente da temática, organizássemos oficinas de leitura literária com uma abordagem menos comprometida do ponto de vista ideológico. A resistência foi vencida pelo sucesso da cartilha ao ser apresentada em evento de literatura em Palmas pelo editor da Le Coq. Como coautor do material, o diretor retomou a proposta original, possibilitando que as atividades seguissem o fluxo planejado.

A guerrilha insere-se no contexto dos “anos de chumbo”, quando o país contou com a truculência perpetrada contra dissidentes políticos, frente à resistência



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

armada, guerrilhas urbanas e rurais. Compreendendo ações militares no norte de Goiás, sul do Pará e sul do Maranhão, foram impactados centenas de moradores, a maioria camponeses e indígenas, muitos dos quais sequer tinham ciência de que a região abrigava inimigos do regime. Intimidação, prisão, tortura e assassinatos marcaram tragicamente os locais, com perda de terras, produção agrícola e morte e familiares. Sem que tivesse se iniciado uma ação mais sistemática para adesão à causa revolucionária, a quase totalidade dos moradores ignorava as intenções políticas dos militantes do PCdoB na região. Até mesmo como estratégia de sobrevivência, fugindo à intensa repressão, os militantes buscavam confundir-se com moradores do lugar, ainda que denunciassem, até mesmo pela linguagem, seu não pertencimento, sendo chamados genericamente de “paulistas”. É o que se comprova pelas palavras de José Genoíno Neto, um dos ex-guerrilheiros no Araguaia é um dos poucos sobreviventes, ao falar da necessidade do anonimato:

A gente tinha uma regra de ouro: ninguém da população sabia quem éramos nós. Nós éramos os paulistas, os mineiros, que estavam lá naquele movimento migratório, que era com a pecuária, com as posses de terra, com a madeira, com a caça. E a gente estava lá para fazer negócio. A gente estava lá para tocar a vida. Eu, por exemplo, era sobrinho do Amazonas, que tinha lá o nome de Seu Cid. Ele era sócio do Oswaldão e, portanto, eu era sócio do Oswaldão. Então, a gente tinha, cada um tinha uma história, que a gente ia montando. Ninguém da população sabia a nossa condição política. A nossa relação era com base na confiança. A gente vivia do jeito que vivia a população, nossas casas eram iguais, a gente trabalhava na roça como eles, a gente caçava como eles, a gente comia como eles. A gente procurava fazer uma adaptação às condições da região. Mas ninguém mesmo sabia quem éramos nós, ninguém sabia. Era proibido saber quem éramos nós. (Figueiredo et al, 2020, p. 281-282)

Por isso mesmo, a inesperada chegada de milhares de militares à região foi sentida pelos moradores como acontecimento. Em semiótica, o acontecimento se dá quando o sujeito é surpreendido, dada a abrupta aparição em seu campo de presença de algo que não poderia ser antevisto. Pelo inusitado daquilo que se



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

apresenta, não consegue, na imediaticidade do evento, atribuir sentido. É intensamente afetado, ao mesmo tempo em que cognitivamente, pela razão, acha-se sem condições de produzir sentido, escapando-lhe a compreensão quanto ao que se sucede. É isso o que nos revelam os relatos dos sujeitos que diretamente estiveram envolvidos, como testemunhas do que aconteceu e que sobreviveram para contar. Diferentemente do que vemos em produções da literatura de testemunho relativa a acontecimentos no contexto europeu, como se deu a partir da Primeira Guerra (CRU, 2023 [1929]), esses sujeitos da região não produziram relatos por escrito. Toda a literatura relativa ao contexto da guerrilha foi escrita por autores de outras regiões do país, em alguns casos, como o de Liniane Haag Brum (2012), envolvendo um tio que desapareceu no Araguaia. Semelhante esforço pode ser encontrado em pesquisadores que se comprometem com a memória, como o caso de Janailson Macêdo, Abílio Pachêco e, mais recentemente, um grupo de escritores do Tocantins (Silva; Ramos Júnior, 2022).

A literatura constitui, assim, como outras produções culturais, um precioso arquivo, conforme defende Eurídice Figueiredo:

Todo livro – ficção ou depoimento –, todo filme – documentário ou ficcional –, toda obra de arte ou projeto museológico que contribua para a reflexão sobre os anos de chumbo no Brasil tem um enorme valor porque não se pode esquecer o que foi perpetrado, é preciso render tributo àqueles que lutaram pela utopia de um país mais justo e mais democrático. (FIGUEIREDO, 2017, p. 35)

Na contramão dessa perspectiva, há em Xambioá e entorno uma bem sucedida política de esquecimento e silenciamento que perdura ao longo dos anos. Com o desaparecimento de corpos de guerrilheiros e camponeses assassinados, os militares conseguiram executar o que foi nomeado de *Operação Limpeza*, que visava o total apagamento dos rastros das ações da ditadura na região. Depreende-se assim, que em Xambioá esse apagamento é parte de uma ação



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

política proposital. Como reflexo dessa constatação, observamos que o espaço museológico *Memorial do Araguaia*, que, criado para guardar registros da Guerrilha, encontra-se atualmente totalmente abandonado, sem ter materialmente entrado em funcionamento, deixando de ser um espaço de memória para a comunidade local.

No rumo do esquecimento, segue a quase ausência desses temas em materiais didáticos, mesmo o que se direcionam para o ensino de história no Tocantins.

Para subsidiar oficinas, a cartilha produzida foi composta por cinco capítulos. O primeiro, de autoria de César Alessandro Sagrilo Figueiredo, fez uma abordagem mais ampla da Guerrilha, mobilizando questões relativas à história. O segundo, de autoria de Jacielle da Silva Santos, priorizou o impacto sobre a vida dos camponeses na região. O terceiro, escrito por Naiane Vieira dos Reis Silva, abordou o papel das mulheres no contexto da guerrilha, seja como militantes do Pcdob, seja na condição de camponesas que tiveram a vida impactada pela ação militar. Irene Gomes, responsável pelo quarto capítulo, tratou dos indígenas, usados como mateiros pelos militares. A esse respeito, ressalta-se que há muito ainda a se pesquisar sobre os efeitos sofridos pelos indígenas nesse momento de construção da Transamazônica e guerrilha. O último capítulo, de Luiza H. O. da Silva fala da literatura de testemunho e da ausência dessa produção por parte dos sujeitos que viveram o acontecimento.

A seguir, relacionamos três figuras que ilustram as atividades. Por questões éticas, selecionamos aquelas em que não podem ser identificados os estudantes.

Fig. 1 Card anunciando o lançamento da cartilha



Fonte: Acervo do GESTO

Fig. 2: Momento de autógrafos juntos aos estudantes



Fonte: Acervo do Gesto

Fig. 3: Imagem de estudantes da Escola Estadual Eurico Mota (Xambioá)



Fonte: Acervo do GESTO.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que ainda somos tímidos quando se trata de popularizar os saberes que produzimos na universidade e, principalmente, em construir juntos saberes novos, num diálogo menos assimétrico e mais plural. É mais comum que a extensão fique restrita à organização de eventos na própria universidade, com mínima presença, mesmo na condição de ouvintes, de outros atores sociais. Além disso, há que se considerar um esforço de didatização, driblando a metalinguagem, a fala acadêmica, tão enclausurada, para que nossos saberes ecoem de fato e possam ajudar a efetivamente produzir transformações sociais. Num momento em que se multiplicam *fake news*, que um imenso contingente segue sem pestanejar *influencers* sem formação movidos a teorias da conspiração, simplificações e, mesmo, discursos de ódio e intolerância, com revisionismos históricos que fragilizam a memória e a compreensão histórica, temos a urgência de compartilhar o que



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

sabemos.

Por meio desse trabalho, acreditamos que pudemos contribuir para a formação de estudantes, incentivando o interesse pela história, pela literatura e, sobretudo, pela democracia. Certamente, ações de extensão podem proporcionar a desconstrução de discursos hegemônicos, coloniais e ditatoriais de silenciamento e apagamento da memória. Precisamos, afinal, de uma nova guerrilha, a que se veste com as armas do saber para a construção de um país mais justo para o qual o acesso ao conhecimento é fundamental.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

REFERÊNCIAS

BRUM, L. H. **Antes do passado**: o silêncio que vem do Araguaia. Porto Alegre: Arquipélado, 2012.

CRU, J. N. Testemunhas: ensaio de análise e de crítica das memórias de combatentes publicadas em francês de 1915 a 1928. Trad. Luiza H. O. Silva; Naiane Vieira dos Reis. **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaia**, v. 15, n. 2, p. 104 – 152, 2023.

FIGUEIREDO, E. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FIGUEIREDO, C. A. S.; REIS, N. V.; SILVA, L. H. O.; SOUSA, P. C. L. Memórias da Guerrilha do Araguaia: entrevista com José Genoíno Neto. **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaia**, v. 12, p. 274-318, 2020.

GORENDER, J. **Combate nas trevas**. 5. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Expressão Popular, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011.

PESSÔA, F. T. M. Entre “grileiros” e “gatunos”: a Guerra de Perdidos e a privatização das terras no sul do Pará. **História Unisinos**, v. 26, n. 2, p. 359-371, 2022.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org) **História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

SILVA, L. H. O.; REIS, N. V. Narrativas de mulheres camponesas no Araguaia: acontecimento e memória. **Rascunhos Culturais**, v. 12, p. 8-28, 2021.

SILVA, L. H. O.; RAMOS JÚNIOR, D. V. (Orgs.) **Contos da guerra do Araguaia**. Araguaína, TO: EDUFNT, 2022.

SILVA, L. H. O.; MELO, M. A. (Org.). **Memórias e histórias da Guerrilha do Araguaia**. Araguaína: Le Coq, 2023.

SILVA, L. H. O. Um herói da guerrilha pelas lentes de JJ Leandro. **Escritas do Tempo**, v. 4, p. 45-62, 2022.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 1, Jan-Abr., 2024

SILVA, L. H. O. Que sujeitos são condenados nesse trabalho de memória? Inquietações sobre Palavras Cruzadas, de Guiomar de Grammont. **Margens - Revista Interdisciplinar**, v. 16, p. 179-194, 2022a.